



CEAPG
Centro de Estudos
em Administração
Pública e Governo

Esse Boletim tem como objetivo apresentar os resultados do Projeto de Pesquisa Aplicada Vulnerabilidade Urbana e Desenvolvimento Socioeconômico, desenvolvido pelo Centro de Estudos em Administração Pública e Governo da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas – FGV-EAESP/CEAPG a partir da Estação de Pesquisa Urbana M'Boi, com apoio financeiro do Fundo de Pesquisa Aplicada da Fundação Getúlio Vargas, GVPesquisa e CNPq.

Nesta edição

Introdução 1

Vulnerabilidade e Desenvolvimento Social

Conectividade Territorial 2

Agricultura Urbana 3

Economia da Cultura 4

Microfinanças 5

Outras Pesquisas em Andamento na Estação de Pesquisa Urbana M'Boi

Estratégias de Combate à Vulnerabilidade Juvenil Social e Desenvolvimento Local 6

Pesquisa PUC Mary Jane Spink 7

Mobilidade das Mulheres e a Adequação do

Transporte Público na Periferia de São Paulo 8

Introdução

A Estação de Pesquisa Urbana de M'Boi é uma plataforma de informações, relações e vínculos organizacionais que agrega pesquisadores trabalhando com questões urbanas. Ao focalizar uma área territorial específica, composta dos distritos de Jardim Ângela, Jardim São Luís, Capão Redondo e áreas adjacentes da Zona Sul de São Paulo, a plataforma possibilita a maximização das sinergias possíveis entre diferentes temáticas urbanas, tanto na troca de informações quantitativas e qualitativas entre pesquisadores, quanto no potencial de impacto dos resultados de suas investigações no desenvolvimento territorial local.

A Estação é resultado de um trabalho que teve início em 2013, com o apoio do Fundo de Pesquisa da Escola de Administração de Empresas de São Paulo (EAESP) ao projeto de vulnerabilidades urbanas do CEAPG. Entramos em contato com outros pesquisadores trabalhando sobre questões similares e juntos fomos aprendendo sobre a região e sempre discutimos as informações coletadas em fóruns locais e organizações de base. Assim, pouco a pouco, se desenvolveu uma relação diferente daquela onde os pesquisadores fazem seus estudos, deixam – às vezes – cópias de seus relatórios, mas depois vão embora para fazer outros estudos em outros lugares. Entendemos que se nossos estudos forem feitos no mesmo lugar, a fim de se poder aprofundar a análise das complexidades urbanas, é nossa obrigação ética como coletivo interuniversitário ser de maior utilidade para o próprio lugar. Esta é a postura, compartilhada por outras estações de pesquisa aplicada, de “pesquisa em ação”.

A partir de 2016, a Estação foi reconhecida pelo Fundo de Pesquisa Aplicada da Fundação Getúlio Vargas como contribuição importante para a aproximação entre a universidade e a vida urbana e passou a receber apoio de bolsas de pesquisa para que alunos da EAESP e também da região pudessem participar das atividades da Estação. A Estação é também anfitriã para os projetos de pesquisadores de outras universidades no Brasil e no exterior que compartilham os mesmos princípios. A palavra Guarani, grafada como “M'Boi”, quer dizer cobra e se refere também aos rios sinuosos da região. “Embu”, que faz parte do nome de dois municípios na mesma área (Embu das Artes e Embu Guaçu), é uma outra versão da mesma palavra e a Estrada de M'Boi Mirim é um dos mais importantes eixos circulantes da região.

Conectividade Territorial

Na área pública, a preocupação com conectividade emerge ao olhar a maneira em que os diferentes serviços chegam no dia a dia do cotidiano de cada um. No olhar do gestor ou executivo (presidente, governador ou prefeito), as diferentes serviços são como as diferentes componentes de um leque, cada um indo em direção a sociedade em eixos e ângulos diferentes. Sua preocupação é com a intersecção destas atividades e sua coerência enquanto plataforma ou agenda de ação governamental; com as diferentes ações enquanto pacote de recursos, investimentos e orientações. No olhar do cidadão no dia a dia a situação é inversa. Sua realidade social e material é composta por questões, problemas, demandas e direitos diferentes que de uma pessoa para a outra são constituídas de forma distinta. Uma mãe solteira com criança pequena que precisa trabalhar, uma pessoa idosa com dificuldade de locomoção, um jovem buscando uma biblioteca para ler livros que sua escola não tem, alguém buscando emprego, outro buscando inserções culturais ou esportivas. Seu dia a dia em relação à ação estatal é feita de diferentes pedaços de diferentes assuntos que, por sua vez, são tratados por diferentes pedaços das diferentes organizações que sentam semanalmente na reunião geral do gestor ou executivo com quem iniciamos.

No primeiro olhar, do gestor, a preocupação é com a implementação de ações e serviços e, no segundo, do cidadão, seus familiares, amigos e vizinhos com as questões de localização e acesso; com a pergunta “onde tenho que ir e o que tenho de fazer para resolver XYZ”.

Se há um grau razoável de sintonia entre os dois olhares ao ponto que os formuladores de ações e implementadores de serviços levam em conta o dia a dia das pessoas para as quais as ações e serviços são orientadas, e os que buscam atendimento tem espaços de encontro para discutir a evolução de demandas e a qualidade dos serviços o resultado será um impacto positivo no sentido da cidadania. Ao resolver questões e receber informações e orientações, pessoas não somente resolvem assuntos específicos, mas são participes de uma relação que fortaleça a democracia cotidiana.

No caso contrário, quando a organização do primeiro e suas orientações operacionais não levam em consideração o olhar a partir do cotidiano das pessoas, a consequência será o aumento das vulnerabilidades presentes, não somente sociais e materiais, mas também institucionais.

Este eixo do programa investiga estas questões tomando por base territórios distintos iniciando com o mapeamento dos serviços presentes e a discussão, com moradores locais, comunidades e os fornecedores dos serviços, da qualidade das conexões presente. Quais os caminhos para uma maior institucionalidade no cotidiano, uma coerência cívica produtiva e segura.

Agricultura Urbana

A Agricultura Urbana vem se desenvolvendo em São Paulo de forma significativa nos últimos 10 anos e se insere em um movimento relevante que ocorre em grandes cidades em diversos países. O tema se conecta a questões transversais como segurança alimentar, geração de renda, educação alimentar e ambiental, recuperação de áreas verdes, ocupação de espaços públicos e fortalecimento da economia circular.

Nessa pesquisa investigamos o desenvolvimento da agricultura urbana na zona sul de São Paulo, suas funções no território, práticas sociais e de produção. O objetivo central é o de mapear as iniciativas existentes e prospectar oportunidades de indução complementar de ações para o fomento da produção de alimentos na região e ampliação do consumo.

O território estudado apresenta diferentes tipos de iniciativas relacionadas à Agricultura Urbana (AU) e não existe uma rede de ação e articulação, de forma que as interações sociais e institucionais em torno desse tema ocorrem de forma pontual em torno de projetos e ações específicas. Foi possível identificar os seguintes tipos de AU no território: (i) AU como geração de renda em espaços institucionais ou em terrenos privados; (ii) AU como atividade ecológica e transversal (saúde, educação e fortalecimento comunitário); (iii) AU como atividade educativa em escolas e CEUs (Centros de Artes e Esportes Unificados).

Existem alguns atores-chave que mobilizam a AU no território. Alguns destes são mais proativos, impulsionando a criação e o estabelecimento de hortas e sítios de produção, e promovendo a conscientização sobre o consumo de alimentos orgânicos produzidos localmente. Outras organizações atuam de forma mais



Agricultura urbana da região

pontual quando acionadas por produtores ou gestores de projetos. De modo geral, foi possível identificar que as organizações locais, como ONGs e escolas, atuam de forma mais significativa no protagonismo de ações. Já as organizações governamentais possuem uma atuação menos ativa, geralmente intervindo quando são acionadas pelos atores já envolvidos com a agricultura.

Em suma, a existência de projetos relacionados à AU é expressiva, ainda que haja pouca articulação entre eles e muita carência de acesso a serviços e políticas públicas. Há um grande potencial para a construção de uma rede de AU com os atores que já atuam nesse campo, assim como a articulação de intervenções transversais com outros movimentos como aqueles ligados à moradia e à cultura. Assim, a construção de redes de articulação nesse campo tem um grande potencial de expandir e consolidar essa prática produzindo impactos transversais como geração de renda, saúde preventiva, fortalecimento comunitário, ocupação e cuidado de espaços públicos ociosos, melhoria da qualidade de vida da população local e contribuição para a disseminação destas práticas na cidade de São Paulo.

Economia da Cultura

Em cidades de grande porte em todo o mundo, as atividades culturais ganharam muita importância nos últimos anos. Isso está relacionado com o reconhecimento da atividade cultural como mecanismo de ampliar as formas de expressão da população local. Mas também tem uma grande relação com o potencial que a cultura tem para contribuir na resolução de alguns dos maiores desafios presentes no cotidiano urbano. Assim, as atividades culturais têm sido analisadas também pelo seu potencial de inclusão social, de preservação do patrimônio histórico, de redução da violência, de estreitamento dos laços comunitários, de ocupação de espaços públicos, de integração com processos de requalificação urbana, de ampliação da participação popular, de maior efetivação dos canais de diálogo com minorias, e, obviamente, como criadoras de oportunidades econômicas.

Este olhar para a questão do impacto da cultura no desenvolvimento das cidades é cada vez maior. A edição 2015 do *World Cities Culture Report* mostra que a cultura tem grande impacto econômico na atração de turistas. Teatros, museus, galerias de arte, cinemas, musicais, festas populares e shows em geral atraem pessoas que vêm para as cidades para usufruir dos mesmos por um curto período de tempo, ou mesmo atraem pessoas para morar nestas regiões.

O município de São Paulo não é diferente neste aspecto e seus museus, shows e grandes casas de espetáculo sempre atraíram muitas pessoas. Mas ao olhar no mapa da cidade e constatar a concentração de equipamentos públicos de cultura na região central da cidade, é possível enganar-se. Mesmo com esta desigualdade relativa em termos de equipamentos de cultura, a produção e o consumo de cultura nas áreas mais periféricas é enorme.

A escolha de trabalharmos com a questão da Economia da Cultura na Estação está relacionada com a quantidade e importância das manifestações artísticas e organizações culturais – cujo grau de profissionalismo e formalidade varia muito – presentes no território. Assim, o objetivo é identificar os aspectos de geração de trabalho e renda a partir da cultura na região do M'Boi Mirim.

Nestes primeiros meses da Estação, atuamos em três frentes. Na primeira, estamos analisando estudos e relatórios já produzidos por universidades e institutos de pesquisas que trataram da questão cultural na zona Sul de São Paulo. Na segunda, iniciamos um mapeamento das organizações culturais da região, buscando caracterizá-las em aspectos como data da fundação, personalidade jurídica, principais atividades desenvolvidas e localização. A terceira frente está relacionada com o repasse de recursos públicos municipais para cada uma das organizações, especialmente por meio do programa VAI (nas suas duas modalidades, VAI I e VAI II) da Prefeitura Municipal de São Paulo. No próximo boletim, apresentaremos nossos resultados iniciais.

“A produção e o consumo de cultura nas áreas mais periféricas de São Paulo é enorme.”

Microfinanças

Mapeamento Sócio-Econômico

Demografia

O distrito do M'boi Mirim, composto pelos subdistritos Jardim São Luís e Jardim Ângela, é o terceiro distrito mais populoso do Município de São Paulo - MSP com aproximadamente 600 mil habitantes, segundo dados estimados de 2015 da Secretaria Municipal de São Paulo com base em dados do IBGE. Sua população representa cerca de 5,2% da população total do Município (estimada em 11,5 milhões de habitantes).

Em comparação com o MSP, evidencia-se uma população mais jovem, com 4,2% da população acima de 65 anos para M'Boi Mirim contra a média de 8,1%. Entre 20 a 64 anos, a proporção é mais similar com 61% no M'Boi Mirim e 63,6% no MSP. Já na faixa de até 20 anos, M'Boi Mirim possui aproximadamente 34% da população total estimada contra 28,3% do MSP.

Renda

Com dados de Censo de 2010, evidencia-se grande diferenças entre rendimento por domicílio. Na faixa entre ½ e 5 salários mínimos, M'Boi Mirim tinha 76% dos domicílios, MSP 57% e Pinheiros, o distrito com maior renda, 17%; na faixa de 5 a 10, M'Boi Mirim tinha 14% e Pinheiros 20%; e acima de 10, M'Boi Mirim tinha 3%, MSP 17%, enquanto Pinheiros tinha 56%.

Nível de Instrução

No nível de instrução, com dados de Censo de 2000, também é possível ver as diferenças: Pinheiros com mais de 50% da população com superior completo enquanto M'Boi Mirim tinha apenas 4,5%. Além disso, no M'Boi Mirim, a População de 10 Anos ou mais de Idade com nível de instrução até fundamental completo e médio incompleto representava mais de 70% do distrito enquanto a média do MSP era de aproximadamente 55%.

Sistema Financeiro

Dados do Banco Central indicam 2.553 agências bancárias no Município de São Paulo, o que representa uma agência para cada 4.500 habitantes. No distrito do M'Boi Mirim, apenas 7 agências bancárias estão presentes, o que representa 0,27% das agências totais contra uma população de 5,2%. Ou seja, uma agência bancária para cada 85 mil habitantes.

O déficit de sistemas financeiros formais além dos indicadores demográficos e socioeconômicos citados nos itens anteriores, indicam haver oportunidades para aplicação de ações com foco em microcrédito. Um aprofundamento para investigação de mecanismos informais, atualmente vigentes na região, além de melhor entendimento das necessidades locais será necessário para suportar as análises posteriores.

“No distrito do M'Boi Mirim, apenas 7 agências bancárias estão presentes, ou seja, uma agência bancária para cada 85 mil habitantes.”

Estratégias de Combate à Vulnerabilidade Juvenil Social e Desenvolvimento Local

Tiago Corbisier Matheus, Lucio Nagib Bittencourt, Roberth M. Tavanti,
Murilo Cesar da Silva e Bruna Moreira
FGV-EAESP/CEAPG e Universidade Federal do ABC - UFABC

Este ano, estabelecemos como estratégia de ação e pesquisa a construção de ações em conjunto com agentes locais, atuantes nas áreas de educação e produção cultural, tendo como objetivo a aproximação entre saberes locais e acadêmicos e os benefícios que tal aproximação pudesse trazer para uns e outros. Seguimos duas linhas de atuação. Nas escolas das quais nos aproximamos (Antonio Aggio, Herculano de Freitas e Mário Fittipaldi), buscamos identificar demandas junto a professores, gestores e estudantes e com eles promover o diálogo entre pares e a potencialização de seus recursos.

Realizamos até agora 14 oficinas em duas escolas, nas quais pudemos ora com professores, ora com alunos, identificar desafios e expectativas enfrentados por uns e outros na rede pública estadual. Na área da produção cultural, nos aproximamos do coletivo A Banca, que tem atuado na confluência entre educação e produção cultural, além de mostrar particular compromisso com parâmetros democráticos em suas ações. Com eles, pudemos acompanhar algumas de suas atividades com estudantes e promover um exercício sobre o território, na Arena da Arenga, evento cultural realizado mensalmente pelo grupo. Com eles fizemos até o momento duas atividades voltadas para a identificação das *quebradas* dos participantes dos encontros em um mapa da região, conectadas pela ação cultural - recurso pouco comum nas diferentes organizações locais.

Como resultado parcial, percebemos que as ações se mostram mais frutíferas conforme a qualidade do vínculo de parceria estabelecido e das condições para

ação de cada organização, conforme suas possibilidades de enfrentar seus próprios conflitos e desafios. Além disso, percebemos uma discrepância entre estes dois universos dos jovens na região: o escolar e o de produção cultural, aqui visto a partir do evento da Banca. Constatamos que o ambiente escolar segue carregado pelos desafios de promover a educação formal de jovens moradores de uma região vulnerável materialmente e institucionalmente, nem sempre contando com os recursos necessários para tanto. Os equipamentos, fortemente demandados em sua ação de promoção social, enfrentam desafios de diferentes ordens que tolhem seus recursos e limitam suas ações. Ainda assim, existem iniciativas e ações realizadas por professores, estudantes ou gestores que destoam deste universo e, apesar do contexto adverso, oferecem espaço de expressão e aprendizado para uns e outros, estabelecendo sentido para a experiência escolar.

As ações culturais, em contrapartida, apesar de terem maior fragilidade institucional (dependem constantemente da iniciativa e disposição de seus proponentes), portam a vitalidade da expressão juvenil, permitindo maior convergência de interesses entre jovens participantes, estabelecendo conexões com outras ações e coletivos culturais, além de serviços e políticas públicas, sem a sobrecarga da formalização para desenvolver suas iniciativas.

Viver em Área de Risco: um estudo sobre a gestão de riscos ambientais na ótica de pessoas em situação de vulnerabilidade

Mary Jane Paris Spink, George de Luiz, Roberth M. Tavanti e Mário Henrique M. Martins
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

Esta proposta integra o programa de pesquisa que vem por nós sendo desenvolvido com o apoio do CNPq e que tem por foco as estratégias de governamentalidade e seus efeitos na construção de regimes de pessoalidade: posições de pessoa que se tornam disponíveis e legitimadas por práticas sociais, incluindo aí o uso de tecnologias variadas.

Nesta pesquisa retomaremos os dois aspectos que nortearam os esforços anteriores. De um lado, a questão da gestão de riscos como estratégia de governamentalidade (FOUCAULT, 1995; 1999). De outro lado, os sentidos do risco no cotidiano. Na perspectiva dos processos de governamentalidade, a pesquisa visa entender como são estruturadas as ações da defesa civil no contexto do Sistema Nacional de Defesa Civil (SINDEC), sobretudo no que se refere às ações desenvolvidas nas comunidades que vivem em áreas de risco. Ou seja, para além de medidas estruturais de contenção, do monitoramento continuado das condições atmosféricas e da remoção de moradores, portanto, medidas voltadas à população como um coletivo - o que vem sendo feito para sensibilizar a população sobre os riscos a que estão sendo submetidos? Providências que visam o fortalecimento das capacidades de cuidado de si (FOUCAULT, 1985).

No enquadre da vida cotidiana, tem, como objetivo principal, entender os sentidos de risco para pessoas que moram em áreas da cidade de São Paulo consideradas de risco para escorregamentos ou inundações. Busca, mais especificamente, compreender como se dá a gestão de riscos ambientais na ótica de pessoas em situação de vulnerabilidade decorrente da localização de suas moradias. Inclui suas narrativas sobre experiências com essas situações de risco e os processos de tomada de decisão diante das opções (ou falta de opções) diante desses riscos.

Mobilidade das Mulheres e a Adequação do Transporte Público na Periferia de São Paulo

Prof^o Lupicínio Iñiguez-Rueda
Universitat Autònoma de Barcelona

As desigualdades entre homens e mulheres são inúmeras no cotidiano. A divisão do trabalho comporta, com frequência, uma dupla jornada para as mulheres que precisam conciliar emprego fora de casa e o cuidado do lar. Além disso, ainda permanece central o papel da mulher no cuidado. No caso do uso do transporte público coletivo, os problemas para as mulheres são evidentes. No início desta pesquisa, identificamos alguns:

- A oferta de serviços públicos e privados utilizados pelas mulheres não coincide com as infraestruturas de serviços de transporte;
- O custo da passagem afeta mais as mulheres, uma vez que, com frequência, ganham menos dinheiro por iguais trabalhos que os homens e/ou que não têm controle sobre as finanças;
- Deficiências na infraestrutura para caminhar, como calçadas irregulares ou inexistentes;
- Problemas de sinalização;
- Horário do transporte que não condiz com as demandas da população;
- Assédio sexual no transporte público.

Estas dificuldades sustentam a necessidade de uma investigação e ação específicas neste campo e por isso, buscamos estabelecer critérios para o desenho do transporte público orientado a cobrir as necessidades de mobilidade das mulheres, e à maior acessibilidade dos serviços públicos.

Iniciando com a pergunta de pesquisa “Os sistemas de transporte público respondem às necessidades de mobilidade das mulheres, particularmente as que se relacionam com o acesso aos serviços públicos?”, o objetivo geral é conhecer a adequação dos serviços de transporte público ao padrão de mobilidade das mulheres na Região Sul de São Paulo. Como objetivos específicos, temos:

1. Identificar o padrão de mobilidade das mulheres;
2. Identificar as características do padrão do transporte público na zona sul de São Paulo;
3. Analisar a adequação da rede de transporte público ao padrão de mobilidade da mulher;
4. Analisar a acessibilidade dos serviços públicos na zona sul de São Paulo;
5. Conhecer o ponto de vista dos especialistas em desenho de transporte público;
6. Analisa os pontos de vista dos especialistas e do público em geral sobre o desenho do transporte publico.

A Estação de Pesquisa M'Boi Mirim está permitindo uma grande aproximação com as mulheres desta região de São Paulo. Esperamos que ao final da pesquisa possamos contribuir com a produção acadêmica sobre ações públicas, mas também fomentar um importante debate público sobre a mobilidade das mulheres em grandes regiões metropolitanas e as políticas formuladas e implementadas para elas.

Estação de Pesquisa Urbana M'Boi

Centro de Estudos em Administração de Empresas de São Paulo – CEAPG
Fundação Getulio Vargas
Avenida Nove de Julho, 2029, 11º andar, Bela Vista, São Paulo/SP, cep: 01313-902
Telefones: (11) 3799-7904 / 3799-7960
ceapg@fgv.br / www.fgv.br/ceapg

Realização



Apoio

